

Tédio e contemporaneidade na tragédia natalina da seção *Badulaque* da revista *TPM*¹

Matheus Nascimento Matias BRAGANSA²

Frederico de Mello Brandão TAVARES³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

Este trabalho tem como direção perceber as noções de tédio, tão vinculadas à elementos da contemporaneidade, nas seções natalinas do *Badulaque*, espaço da revista brasileira *TPM*, em que tais questões aparecem de forma pastiche e clichê, mas também cotidiana e sintomática. Num cenário de sujeitos produzidos a partir da aceleração capitalista, rebentação midiática e eclosão do consumo como diretriz das relações humanas, o tédio, como cansaço de viver uma vida ritualística, se manifesta como uma espécie de sintoma social. Aqui, visitamos as edições do *Badulaque* nas *TPMs* de dezembro dos anos de 2001 à 2010 a fim de captar como a tragédia contemporânea se dá pela noção de despotencialização da vida na ordinariedade cotidiana e o jogo jornalístico ali apreendido, como mecanismo ativo em tais questões.

Palavra-chave: Tédio; Contemporaneidade; *Badulaque*; Revista *TPM*

1. Atmosfera do *Badulaque* e suas inclinações contemporâneas

Figurando como uma *fanzine* dentro da revista feminina *TPM*, a seção *Badulaque*⁴ está presente na publicação desde sua primeira edição, 2001, início do novo século, um divisor de águas na história da humanidade, assim como anunciou *2001: Uma Odisséia no Espaço*, em 1968, abrindo uma janela para o imaginário dessa nova era. Embora se cruze com o fio editorial da revista, o *Badulaque* toma uma forma individual pelos aspectos visuais (possui um conteúdo artístico mais carregado) e

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduando em Jornalismo pela UFOP, bolsista de Iniciação Científica da FAPEMIG. E-mail: matheusnmbragansa@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação. Professor do curso de Jornalismo da UFOP. E-mail: fredtavares.ufop@gmail.com

⁴ A seção *Badulaque* é de autoria da jornalista Nina Lemos, que atuou como colaboradora da revista até o ano de 2017. Sobre Nina Lemos e *Badulaque* ver Rodarte (2017).

verbais (não precisa falar do mesmo tema ao qual a revista se propõe tratar em determinada edição). É possível discerni-lo de todas as outras seções apenas ao folhear a *TPM* de forma rápida. Além da “calculada” posição nas últimas páginas da revista, a textura do papel, as cores vívidas, os desenhos dinâmicos, os símbolos da sociedade midiaticizada reconhecíveis num primeiro olhar, as colagens se apropriando de ícones culturais afetivos os embaralhando com elementos berrantes (Darth Vader entre uma vaca e uma estatueta do Oscar com o rosto de José Sarney) e até mesmo os textos pequenos, tudo é eficiente ao criar um mundo alucinógeno e fazer o leitor submergir em um cosmos fechado e de plástico.

O que a palavra *Badulaque* como título de uma seção pode sugerir? Qual discernimento sobre sua identidade ela almeja passar? Assim como sua definição fragmentada, palavra que informalmente remete à inúmeros significados, *Badulaque* é empregado pela revista para dar forma a um mundo lotado de várias coisas, bagunçado por ícones, temas, pontos de vista sobrepostos e desarrumado pelas inúmeras camadas de informação que recebemos, o peso e cacofonia da contemporaneidade. Essa noção é também elaborada e inflamada pelo planejamento visual que conversa com vanguardas do século XX, algumas consideradas modernas, outras, pós-modernas. O cubismo sintético, o dadaísmo *non-sense*, a pop arte espetacularizada, a ressignificação, o pastiche, a apropriação, a foto-montagem, os *assemblages*, a colagem, enfim, todas as referências que a seção lança mão e que se tornam metáfora não só de um conteúdo verbal expresso ali, mas também de um mundo absorvido pela mídia globalizada, pela interculturalidade e pela sensação de que tudo é engolido à seco e *a posteriori*, acaba-se tendo uma indigestão. O tempo todo, o tempo falta.

Dentro desse universo *pop* em que Zeca Pagodinho tem a mesma importância que Barack Obama, em que a vivência cotidiana se dá junto aos ícones televisivos fetichizados pela *mass media*, o *Badulaque* parece estabelecer o paradoxo presente nas obras de arte warholianas: a erupção visual multicolorida e simbólica vigente no *Badulaque* (e nas obras de Warhol) pretendem criticar ou celebrar a sociedade do espetáculo? Essa síntese pela qual a seção indica estar voltada, uma representação do *zeitgeist* contemporâneo, dá conta de um picadinho de coisas superficiais, mas que para

essa seção, são profundas o suficiente para tocar qualquer ser humano que exista na contemporaneidade estritamente imagética, sensibilizados pela beleza da mídia⁵, que nos afeta e nos penetra com toda sua violência.

Entendendo a seção através desse olhar, o objetivo desse artigo é captar a atmosfera envolvida pelo tédio, como conteúdo aparente e ao mesmo tempo implícito, nas edições de final de ano do *Badulaque*, local em que a palavra “tédio” está sempre presente e vinculada à questões cotidianas, familiares, nostálgicas, etc. O que o tédio significa em determinada seção? Como ela transmite uma noção de vivência entre os sujeitos contemporâneos? Por que o tédio está sempre vinculado às questões presentes nas comemorações de final de ano?

Ao longo do artigo, são apresentados: uma breve contextualização do tédio como uma espécie de patologia da modernidade, seu sussurro como elemento expressivo na contemporaneidade, a análise do tédio no *Badulaque* a partir das edições de dezembro de 2001 à 2010 (disponíveis no *Google Books*) e, por fim, a conclusão das reflexões discutidas⁶.

2. Um perpétuo ruído humano ou um desarranjo contemporâneo?

“A minha alma tem tédio de minha vida; darei livre curso à minha queixa, falarei na amargura da minha alma.” A passagem tirada do décimo capítulo do livro de Jó, primeiro livro poético da Bíblia, é uma imagem que suscita a vivacidade do tédio na vida humana. Por volta de 24 séculos depois, Oblómov, personagem de Iván Goncharov, passa cerca de 150 páginas sem levantar de sua cama. “No rosto, surgiam alternadamente o medo, o tédio e a irritação. Era evidente que uma luta interior estava em curso e que a razão ainda não viera em seu socorro” (2012, p.21). Ao lidar com o tédio como algo subjetivo, colocando-o na tessitura da alma em Jó e na negação da razão em Gontcharov, é preciso entender que, assim como sublinha Buchianeri, o tédio é algo abstrato, de essência imperceptível, “...sem nome, sem forma, sem objeto”

⁵ Nome dado ao capítulo 17 do livro “A História da Beleza” de Umberto Eco

⁶ A pesquisa aqui apresentada está vinculada ao projeto de pesquisa “A diversidade como fio editorial em TRIP e TPM: reconhecimento do tempo e afirmações identitárias”, registrado na PROPP-UFOP e desenvolvido com fomento da FAPEMIG.

(BUCHIANERI, 2002, p.37) e que abala, em qualquer época e contexto, a todo o ser humano que algum dia tenha se deparado com o esvaziamento de sentido da vida, mesmo que apenas subjetivamente.

A vida cotidiana, permeada por repetições e ciclos viciosos, é capaz de produzir essa situação de tédio e, ao mesmo tempo, escondê-la; ao transmitir uma falsa noção de simetria dada pela aceleração da vida capitalista. Oliveira, citando La Taille (2009), enquadra o sujeito entediado como um oprimido pela agilidade e fugacidade do consumo tão presente numa vida acelerada (OLIVEIRA, 2014, p.24). É como se as novidades e estímulos do mundo moderno, sempre emoldurados pelo viés mercadológico, produzissem um estilo de vida em que não há tempo para frustrações, mas também não há espaço para a produção de sentido na subjetividade humana. A aceleração das estruturas do mundo mercadológico produzem um amortecimento no caminhar da subjetividade humana. É nesse curto-circuito, excesso de informação produzida pela miragem do mundo espetacular sem espaço para a leitura de mundo em consonância com ruídos humanos subjetivos, que o sujeito se paraliza. E “o que acaba por emergir é a agonia, desesperança quanto ao futuro e a necessidade imediata de preenchimento do tempo” (OLIVEIRA, 2014, p.24). O sujeito engessado, estigmatizado, torna-se empobrecido de substância humana e adquire função de um soldado da infantaria. A palavra infante, que significa “criança”, é designada para aquele que não se manifesta, ou seja, que está em situação passiva em relação à vida, germinando paulatinamente um “enfraquecimento de si.”

É nesse lugar do triunfo da aparência sobre a substância, de crise dos sentidos subjetivos, que o tédio se instala como uma sensação de dias iguais e insuportáveis. Mas não apenas como um perpétuo e sempre presente ruído humano mas também como uma doença produzida pelas estruturas de uma época. Segundo Salem, “foi no bojo das transformações da modernidade que vimos surgir na língua as primeiras manifestações do conceito de tédio, e a simultaneidade entre esses fatos não parece casual” (OLIVEIRA, 2014, p.26). Se o ar não é inocente, a atmosfera inerente à modernidade e suas transformações se cristalizou na discussão do tédio como um “importante conceito organizador de sentido para o sujeito moderno nas descrições de si mesmo e de suas

experiências” (OLIVEIRA, 2014, p.26), argumento traspassado por toda obra de Baudelaire, especialmente em seu poema “Tédio”, estado que, segundo ele, pode alcançar “proporções de imortalidade.”

Ao assumir o tédio como algo indissociável da melancolia e depressão, ficam ainda mais claras e sintomáticas as diversas vozes presentes na modernidade. Hamlet, Raskólnikov e Wherter tentam dar conta de um mundo em que não há mais voz final. A experiência moderna da literatura veste a roupagem do desamparo, da falta de apoio. Essa espécie de desorientação, tão inerente à vida moderna, faz Hamlet usar de sua crise existencial como metáfora de toda e qualquer alma humana. “Ser ou não ser” não diz apenas de suas noções existencialistas. Se fosse assim, Shakespeare escreveria “sou ou não sou.” Um pouco mais tarde, Hamlet, conversando com o rei, irmão e assassino de seu pai, afirma “... cevamos todas as demais criaturas para que nos engordem, e nós nos cevamos a nós mesmos para as larvas.”

Histórias em quadrinhos, celebridades da televisão, políticos decadentes, garrafas de Coca-Cola, ícones da Disney, propagandas do cinema, latas de sopa Campbell, geladeiras *candy color*, biquínis, bananas, páginas de revista, Marilyn Monroe, Mao Tse-Tung, pênis, acidentes de carro. Todas as insígnias contemporâneas das quais os expressionistas abstratos se esforçaram para ignorar foram incorporadas e elevadas ao estado de arte pelos artistas da *pop* arte. A essa altura, o sujeito já pretensiosamente acostumado com a rapidez da vida proveniente da modernidade, se choca diariamente com um mundo imagético narcótico. Nesse novo compromisso de vida humana,

...o mundo atual não se configura por imagens de concretude, sendo experimentado predominantemente de forma abstrata ou imaterial. A experiência da imaterialidade se realiza, especialmente, pela substituição da coisa por sua imagem, a saber, uma imagem que se impõe por si mesma, rompendo radicalmente com a referência exterior à ela, com qualquer princípio de representação, o que Debord aponta como sendo o pilar-mestre da sociedade do espetáculo. (BUCHIANERI, 2002, p.71)

A poluição inseparável das novidades modernas, por exemplo a fumaça do trem, algo tão corpóreo, quase palpável nas pinceladas de Nittis, ganha nova roupagem na contemporaneidade. A poluição agora é imagética, mental e absurdamente colorida,

sonora, brilhante, alucinógena e lorota. É como se, após estar num mundo em que brota um trem barulhento a partir do nada, cortando a paisagem no meio, o ser humano é pegado por uma “mão invisível” e arremessado para dentro de uma realidade abstrata, uma pintura de Rauschenberg, Rosenquist, Andy Warhol ou na *Eletronic Superhighway* de Nam June Paik. As tecnologias são usadas pelo viés do derramamento da informação, pela bússola da *mass media*, pelas celebrações orgiásticas da sociedade do espetáculo, encharcando os sujeitos de signos, alegorias e sonhos ofuscantes, cegos. Tudo isso explodido a tamanha velocidade que engendram uma situação de “poluição dromosférica.”

Ao lado dos fenômenos das poluições atmosférica, hidrosférica e de outros tipos, existe um fenômeno despercebido de poluição da extensão, que proponho designar como “poluição dromosférica”, de *dromos*, “corrida.” De fato, a contaminação atinge não somente os elementos, as substâncias naturais, o ar, a água, a fauna ou a flora, mas ainda o espaço-tempo de nosso planeta. (VIRILIO, 1993 *apud* BUCHIANERI, 2002, p.72)

“Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade.” Bauman (2003) em “Amor Líquido”, estabelece uma linha de raciocínio que evoca uma noção de que na contemporaneidade, tudo passa tão rápido que, até as relações humanas são engolidas à seco. Quem vive na contemporaneidade está fadado a uma eterna indigestão. A liquidez, aí, se dá na metáfora de que não há tempo para a concretização das relações humanas. Tudo permanece em estado líquido. Antes da solidificação, vem outro e se põe no lugar. E vem outro e se põe no lugar. Etc. Sua visão é ainda mais drástica. Bauman evoca Freud para articular que o absoluto bíblico do amor ao próximo, nada mais é que “um mandamento que na verdade se justifica pelo fato de que nada mais contraria tão fortemente a natureza original do homem” (FREUD, 1976 *apud* BAUMAN, 2004, p.100). Se as relações duradouras são rechaçadas pelo sistema contemporâneo, é na fantasia que o “até que a morte nos separe” se cristaliza. Será que pode-se dizer que se deve a isso os inúmeros sucessos de bilheterias de comédias românticas de *happy end*? Ou a livros “YA” em que o final é sempre trágico, mas a separação do amor acontece por uma doença incurável e não pelas diversas intempéries do relacionamento? Basta pesquisar no *Google* as capas dos filmes feitos a

partir da literatura de Nicholas Sparks, um gigante da literatura romântica *mainstream* estadunidense. Todas, sem exceção, se sustentam a partir de uma mesma regra friamente calculada: homem e mulher (brancos) olhando um para o outro, com o rosto encostado, congelados pela câmera segundos antes do beijo fictício. A fantasia é muito superior à realidade não só porque consegue fazer o homem voar ou criar o Hulk, mas porque ela recheia o cérebro humano de expectativas que jamais possuirão capacidade de realização na vida real.

Caindo no abismo desses simulacros de ideais, consumo como possibilidade de sobrevivência, *mass media* como uma mediação entre as relações humanas, vivência sobre bases movediças, o trabalho industrial como uma razão para sua existência, a perda da utopia (tal como o comunismo) nos anos 1980, desencanto em relação ao futuro é que o sujeito contemporâneo parece pertencer. Resgatando La Taille, Oliveira releva que “diante de tal contexto, [...] o possível para o sujeito é a busca do presente como única referência, tornando a sociedade hedonista e descartável, sendo descartável aquilo que não tem passado e futuro.” (OLIVEIRA, 2014, p.35) A ausência de passado e futuro não poderia suscitar outro sujeito além daquele muito indicado pelos estudos pós-modernos: o sujeito fragmentado. E o que o tédio tem a ver com tudo isso?

Todos esses embaraços do sujeito contemporâneo, fragmentado, desorientado, são sussurros incessantes na mente de alguém sentado numa sala de espera branca e verde pálida no consultório de um dentista, folheando uma revista matizada sem analisá-la, ouvindo uma música ambiente tranquila e enfadonha, assistindo por vezes o plantão espalhafatoso da Rede Globo. Blasé. Em pé num ônibus ao voltar para casa. Mexendo apaticamente os dedos no Tinder até se esgotarem as possibilidades. Esperando, assim como os personagens de Kar-Wai, o momento em que um vínculo vai ser criado entre você e um alguém bonito no elevador.

O tédio, então, como pontua La Taille, “...não ocorre apenas quando uma atividade carece de interesse e significado: ocorre também quando a vida, em si, carece dessas qualidades” (LA TAILLE, 2009, p.17). A vida se arrasta quando a repetição do trabalho diário se torna mecânico, quando se espera um vínculo afetuoso que nunca chega, quando se percebe que as relações aparentemente sólidas se tornam vaporosas

instantaneamente, quando nada de novo acontece, quando se cansa de buscar um ideal inatingível delineado lindamente pela *mass media*. A vida se arrasta ainda mais quando se esbarra com a violenta rapidez da mídia, evidenciando nossa lentidão e falta de sincronia com um mundo vivo e ardente; quando as megalomanias das celebridades, das narrativas ficcionais, dos sorrisos nas propagandas publicitárias tornam a vida do ser humano comum pequena. O sujeito blasé entediado é o próprio sintoma de uma violência, manifesto num comportamento suave. A essa altura da história, já aprendeu que “recolocar o tempo nos eixos” não é possível porque o “tudo” é muito maior e mais forte do que qualquer ser humano.

3. A retórica do tédio na tragédia natalina da seção *Badulaque*: o *déjà-vu*, os objetos afetivos, o sujeito amortecido

Dezembro de 2001. Primeira *Badulaque* de natal. Na primeira página da seção vê-se uma imagem que coloca os sentimentos em questão. O Papai Noel, figura ocidental que exprime alegria e esperança, está lendo um livro com um semblante absurdamente melancólico. Ao seu lado, uma criança chora. Boca virada para baixo, olhos fechados, uma lágrima grossa em sua bochecha. Ao fundo, um vácuo branco, meio manchado. Sem carruagem, sem saco de presentes, sem pisca-pisca colorido, sem crianças bagunceiras, sem família sorridente, sem televisão ligada, sem restos de figo, sem avós dormindo. Há algo de destoante na representação comum do natal pela mídia e pelos próprios sujeitos sociais. Não se trata do natal harmonioso e utópico de “Milagre na Rua 34” (1994) nem do melancólico, bizarro mas ainda assim mágico do “Edward Mãos de Tesoura” (1990). Do que a atmosfera de natal do *Badulaque* se alimenta? E o que esse alimento muda no contexto?

Em todas as edições natalinas, o estímulo do *Badulaque* é a tragédia cotidiana: os cartões chatos (2001), “os presentes que não queremos ganhar” (2002, 2004), os brinquedos nostálgicos” (2003, 2009), “como escapar de uma festa de firma (ou como sobreviver a uma)” (2006), o natal sempre “*déjà-vu*” (2007), o surto comum à perguntas inconvenientemente chatas dos familiares (2008), etc. Nenhuma das edições, de 2001 à

2010, apresenta questões novas, saídas da crista da onda. Todas levantam noções de uma vida voltada para o mesmo tipo de experiência natalina, patenteando o natal (e assim, também, os rituais anuais) como uma prisão chata (palavra que aparece com frequência). O tédio é sintoma disso.

Evocando o filme “Feitiço do Tempo” (1993), de Harold Hamis, em que Bill Murray vive sempre o mesmo dia repetidamente (segundo a revista, “o dia da tal festa chata pra caramba”, ou seja, o natal), a edição de 2007 declara: “Descobrimos que o natal é igual. Todos os anos temos o sentimento de que nada muda e que já vivemos aquilo antes” (p.98). A sensação de *déjà-vu* é comprovada pelo *Badulaque* ao evidenciar para o leitor que os eventos que ocorrem no natal são os mesmos em sua vida, mas também na vida de todos, inclusive na vivência midiática, tais como os especiais de natal de Roberto Carlos e Xuxa que, segundo a seção, podem causar brigas na ceia. Ou seja, a seção explicita também que a monotonia do comportamento natalino está carregado por fatores midiáticos. Não só as mesmices midiáticas colaboram para o eterno *déjà-vu* mas também criam situações entre os sujeitos que se repete anualmente, em todo o país, como a discussão entre deixar ou não a “tv” ligada na hora da ceia.

Mais à frente, a seção afirma: “todos os anos, desde que deixamos de ser crianças, ouvimos perguntas sobre nossa vida” (p.98). O discurso, que evidencia tais perguntas repetitivas, se torna também repetitivo uma vez que essa reflexão sobre as mesmas perguntas de sempre já são um clichê nas conversas pré-natalinas cotidianas, nos *tweets* bastante retwitados e apropriados por infinitos blogs, sites como *Buzzfeed*, com postagens dos “10 *tweets* para quem não está muito no clima da festa (natalina).”⁷

Na contemporaneidade, a busca pela imediatez e a velocidade na qual os sujeitos estão acostumados, enfatiza mais ainda a mesmice das celebrações familiares. Essa situação de desalento em relação ao mundo que cerca o sujeito, pode ser vista também em sua relação com o outro, numa situação em que tais conversas enfadonhas e tediosas inerentes ao mundo contemporâneo, podem ser vistas como uma “apatia e o desinteresse pelo ‘outro’, com uma dificuldade de construir vínculos fortes e duradouros” (BUCHANERI, 2002, p.76). Todas essas inquietações em conjunto

⁷ Título de uma matéria da plataforma digital “Storia”

tendem a criar um sentimento moderadamente desconfortável em relação à importância e ao sentido não só de tais rituais mas também da vida, que é permeada por tais situações.

A questão da *mesmice*, sensação de *déjà-vu*, vira e mexe está presente na seção. Na edição de dezembro de 2003, ao tomar como foco a personagem Narcisa Tamborindeguy e suas festas, a revista nos conta que “todo ano é a mesma coisa.” A *mesmice* também é incorporada pela própria revista ao fazer, todos os finais de ano, especiais de natal e uma espécie de *ranking* chamado “*The best of* (ou as *bestas de*).” Em dezembro de 2004, a revista se autodeclara repetitiva: “todos os anos escolhemos a pessoa que mais fez coisas desconexas” (p.68). Mesmo quando não verbaliza palavras que transmitam uma noção de repetição, tais como “*mesmice*”, “*déjà-vu*”, “*monotonia*” etc, a seção deixa essa noção bem clara no próprio discurso. Na edição de dezembro de 2008, por exemplo, o título da matéria é: “você está emocionalmente preparada para o natal?” (p.103) Subtítulo: “natal é difícil. É preciso muito controle emocional para não brigar com a mãe quando ela pergunta, no meio da sala, quando você vai arrumar um namorado” (p.103). Ao ler apenas o título e subtítulo da matéria já se sabe que a revista entende o natal como uma sucessão de eventos iguais, tanto pelas previsões do que vai acontecer no natal que está chegando (a partir de fatos acontecidos anteriormente repetidas vezes) mas também pela escolha gramática. Não está escrito “o natal foi difícil” nem “o natal será difícil.” O verbo no infinitivo transmite a consciência de que tudo sempre foi igual e nada mudará (p.103).

Uma das formas de ressignificar o tédio pode ser vista pelo empenho da seção lidar com o passado de forma nostálgica e divertida, ilustrando os brinquedos da infância, por exemplo, como coisas ativas na vida dos sujeitos, sugerindo que “os objetos não são inertes e mudos, mas que contam histórias e descrevem trajetórias.” (MARKS, 2010, p.313) Mesmo ao olhar para o passado como um recurso a sair do tédio, ou pelo menos ver o tédio de forma mais divertida, a presença da *mesmice* está sempre presente. Na edição de dezembro de 2003, a seção anuncia que falará de “brinquedos marcantes.” Já no subtítulo da seção têm-se a questão da memória afetiva pelos objetos mas também da *mesmice* escancarada na lembrança. “Lembra aquele natal

em que toda menina ganhou uma boneca bebê atchim? [...] os brinquedos que marcaram nossa infância.” (p.91) A consciência da invariabilidade está na percepção coletiva dos fatos (todas as meninas ganharam o mesmo brinquedo e o uso certo da palavra coletiva “nossa” ao se referir à infância).

Em dezembro de 2009, o nome da subseção é “natal de ontem”. O passado visto como algo sintomático, algo que volta, que retorna talvez com uma nova roupagem mas, em essência, é o mesmo. Um exemplo sutil: em dezembro de 2003, no conteúdo da matéria, a seção afirma que “todo natal tem um brinquedo da moda...” (p.91) Aí a palavra “todo” aparece transmitindo a mesmice, o ciclo vicioso de repetidos acontecimentos próprios ao natal. Com “brinquedo da moda”, a frase já exprime a novidade dos brinquedos que surgem a cada ano. Esse passado e o presente, a mesmice e a novidade contidos na frase, são metáforas da coexistência desses paradoxos, que são inflamados pela vida acelerada capitalista tornando o passado mais distante e o futuro veloz.

Voltando à edição de dezembro de 2009, a seção diz dos “brinquedos mais absurdos de nossa infância.” (p.105) O subtítulo: “quando éramos crianças, pedíamos para o Papai Noel...” (p.105) Mais uma vez a escolha das palavras aparece evidenciando a noção de coletividade, um passado que está presente no âmago afetivo pessoal e social, concebendo uma espécie de aura nostálgica coletiva. “Aura é a sensação que um objeto nos dá de que pode falar conosco do passado, sem nos deixar decifrá-lo completamente. É uma escova com memória involuntária, memória que só pode ser acessada através de um choque” (MARKS, 2010, p.314). É o que Deleuze (DELEUZE, 1989, *apud* MARKS, 2010, p.314) chama de “fóssil radioativo.” Esses brinquedos que emergem no Badulaque são utensílios profundos e delicados, que resgatam memórias, afloram afetos e transporta o leitor solitário, sentado no sofá de sua sala, para uma massa com inúmeras pessoas que possuem os fragmentos de memória ao redor de um mesmo objeto, manifestando suas vidas ao redor de tais objetos comuns ganhados em natais iguais. Nessa retórica do passado aparece a amargura edipiana, uma necessidade de retorno à infância, uma fase em que a vida era permeada por afetos, em que o tédio se apagava ao subir numa árvore, em que o leite com *Toddy* alcançava o

ápice da essência da vida. Tais memórias são espremidas numa vontade de voltar para um lugar penetrado por sentidos, mesmo que eles nunca tenham existido.

As inúmeras árvores de natal em “De Olhos bem Fechados” (1999), de Stanley Kubrick, potencializam o caráter forçado das comemorações natalinas. O comportamento de Alice (Nicole Kidman) e Bill Harford (Tom Cruise) é uma espécie de efeito colateral dessa artificialização da celebração cristã que se dá pela vertente capitalista de consumo e esvaziamento de significado; artificialização que se acentua quando posta em correlação com o cotidiano maçante e tedioso do dia a dia dos personagens. Vemos o casal em uma constante situação de amortecimento em relação a tudo que os cerca: a vida familiar, o sexo, os objetos de consumo, as festas pomposas, os pisca-pisca coloridos, o desejo da filha em comprar uma Barbie, e por aí em diante. Tais gestos banais, comuns, tem importância decisiva ao se tentar captar a relação dos corpos no espaço contemporâneo que, em submissão ao estilo de vida midiático capitalista ficcional, é esvaziado de alma, de transcendência. A seqüela é a vivência amortecida, desalentada, blasé, tediosa.

Na edição de dezembro de 2006, o *Badulaque* oferece um suspiro à essa questão: “como escapar de uma festa de firma (ou como sobreviver a uma).” (p.91) A matéria entende que a festa da firma de fim de ano é uma situação de “desespero” para os convidados, que são tratados pela seção como “vítimas.” Outras palavras são usadas para que entendamos, de uma vez por todas, o ponto de vista do *Badulaque* sobre tais festas: “cafona”; “patética”; “carece”; “ridícula.” Citando Karl Kerényi, Byung-Chul Han esboça o sentido (ou a falta de significado) de uma festa. “Um esforço puramente humano, o cumprimento usual de um dever não é propriamente uma festa, e a partir do não festivo não se pode celebrar nem sequer compreender uma festa” (KERÉNYI, 1995 *apud* HAN, 2010, p.110). O título do livro de Byung-Chul Han, “Sociedade do Cansaço”, é sintomático ao evidenciar o tédio como um sintoma dessa época. Segundo o filósofo sul coreano, uma celebração diz de uma espécie de epifania, um elo de ligação com o divino. Pretensiosamente a famigerada “essência do natal” aponta para noções divinas, entretanto, tal percepção é asfíxiada pela sociedade contemporânea e

suas estruturas. “E hoje, ainda é possível haver festa? É claro que existem festas hoje em dia. Não são, porém, festas no sentido verdadeiro” (HAN, 2010, p.114)

Na última edição de dezembro de 2010, o *Badulaque* parece apreender o caráter do sujeito contemporâneo. A identidade fragmentada das personalidades contemporâneas, construídas a partir de diversos mundos, inclusive virtuais, são apresentados pela revista como uma forma de enxergar o mundo e o ritual natalino. O sujeito “biorgânico”, ao invés de um pinheiro, tem um pé de tomate como árvore de natal. O “artsy” sempre ligado à experiências estéticas, seja na escolha musical ou o fetiche da jabuticabeira. O “comunista de boutique” repulsa qualquer vínculo com tal ritual cristão e capitalista. Ao invés disso, passa a noite ouvindo Racionais. O “emo-indie” chora com músicas tristes e troca all-stars no amigo oculto.

Todas as representações propositalmente estereotipadas pelo *Badulaque* reforçam a ideia de que o cansaço está em relação não só ao ritual natalino mas também a um padrão de vida repetido. Assim, o sujeito busca sempre quebrar tal estilo de vida convencional. A vida padronizada ou o natal tradicional não são suficientes para o ser contemporâneo. Fatigado pela vivência bitolada, engessada, ele precisa sair da mesmice identitária e criar uma nova forma de enxergar o mundo. O novo, aí, vem com uma índole de mudança, de não aceitação do mesmo, de repulsa à repetição ou até mesmo do similar. Ao perceber o vazio do sistema e suas estruturas, o sujeito representado pelo *Badulaque* nessa edição (2010) diz de um olhar pessimista sobre os paradigmas sociais. Ele necessita sair dessa identidade homogênea e buscar no incomum novas “formas de vida” (título dado à subseção) para, entre outras coisas, sobreviver à mesmice soberana.

4. Considerações Finais

Toda a percepção e recursos utilizados pela seção e por Nina Lemos, sua autora, que transmitem uma apreensão tediosa sobre o natal, se tornam ainda mais interessantes se analisados em consonância com os elementos visuais presentes no *design* de *Badulaque*. As colagens, as sobreposições, as cores, a apropriação do mundo espetacular, as imagens midiáticas, a ilustração do consumo, enfim, todas as figuras do

planejamento visual da seção parecem sintetizar uma determinada cultura e energia própria dos anos 2000. Tal formulação visual se encaixaria muito bem num quarto de um adolescente que passava as tardes assistindo *MTV*, lendo *fanzines*, colecionando posters, acompanhando comunidades de notícias do mundo *pop*. Um sujeito penetrado pela memória da mídia. Aí a analogia ao universo contemporâneo, ou pós-moderno, como alguns autores reiteram, fica ainda mais evidente. Um mundo acelerado, lotado e, por isso, cansado, tedioso. “Poderíamos afirmar, portanto, que a sensação subjetiva do sentimento de tédio que impediria a produção de sentidos não se deve apenas a falta de algo, ao vazio, mas também à saturação do mundo em função do excesso” (BUCHIANERI, 2002, p.38)

Essa experiência visual parece codificar verdades, transmitir uma sensação de pertencimento, que se cristaliza através de tais objetos afetivos materiais ou virtuais, mas pertencentes ao mundo mercadológico. O ser humano saturado pelas imagens faz parte de uma sociedade mercadológica, que o penetra e o condiciona à memórias coletivas comerciais. O *Badulaque* de dezembro dos anos 2002 e 2004 evidenciam tal estrutura. Eles citam os “presentes que queremos ganhar” e os que “não queremos ganhar”, respectivamente. Isso diz não só de uma celebração significativamente capitalista mas também de uma tentativa de construir o futuro. Os objetos desejados, tais como o *dvd* do filme “*Kill Bill*” (2003) e “um *iPod* novo modelo”, são artefatos que vão fazer parte da vida das pessoas e, após alguns anos, se tornarão “fósseis radioativos”, objetos alvo de um laço afetivo e testemunhas de que tal sujeito pertenceu à tal época. Mais precisamente, a presença desses objetos configuram o pertencimento à uma época e se tornarão uma porta de acesso (provavelmente melancólica e saudosista, aspectos tão ligados ao tédio) ao passado.

“Amores Megaexpressos” é o título da segunda matéria do *Badulaque* de dezembro de 2007. A analogia ao filme “*Amores Expressos*” (1994) de Wong Kar-Wai, diz de um mundo em que a velocidade toma de assalto as relações humanas. A matéria, que fala do “*8 Minute Dating*”, um “serviço de encontros relâmpago”, da conta de sintetizar a noção contemporânea do tédio. A instantaneidade empregada como gestora do tédio e também como uma possibilidade de sair do tédio. É como se o mundo

contemporâneo produzisse uma doença e oferecesse o remédio. Um ciclo vicioso e interminável. Talvez essa seja a potencialidade crítica do *Badulaque*. Explicitar, atualizar e ressignificar a contemporaneidade tediosa, sintoma das estruturas megalomânicas na qual somos todos surrupiados. E compramos essa ideia todos os dias.

5. Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017.

MARKS, Laura U. **A memória das coisas**. In: FRANÇA, Andréa e LOPES, Denilson (Orgs.). Cinema, Globalização e Interculturalidade. Santa Catarina: Ed. Argos, 2010, pp. 309 – 344.

RODARTE, Ana Paula Veloso Silveira Teodoro. **A contemporaneidade como mistura**: Nina Lemos e a seção *Badulaque* na revista TPM. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2017.

BUCHANERI, Luís Guilherme Coelho. **Adolescência, velocidade e tédio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

OLIVEIRA, Adriana Aparecida Almeida de. **A vida nunca esteve tão insuportável**: reflexões sobre o tédio contemporâneo e as músicas de rock da década de 80. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista. Assis, 2014.

LA TAILLE, Yves de. **Formação ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2008.